

Índice

As séries nórdicas, um vento novo	1
Disforia de género em menores	3
“Alquimia”	4

As séries nórdicas, um vento novo

A variedade temática, o tratamento de assuntos históricos, a qualidade na construção de personagens e nas interpretações, a forma de abordar os conflitos e enredos familiares ou profissionais... estão em destaque num bom número de séries nórdicas acessíveis em plataformas e que contam cada vez com mais espectadores internacionais.

Com o alargamento do catálogo das plataformas já existentes e a chegada de algumas novas, é fácil ver séries e filmes de mais variada proveniência. A ficção em séries dos países nórdicos está muito mais acessível do que quando só podia ser vista nalguns canais convencionais de televisão ou de cabo.

Duas séries, “Borgen” e “Bron/Broen”, marcaram o começo da segunda década do nosso século no arranque internacional das séries produzidas por países que contam com uma grande tradição cinematográfica e televisiva, superadas talvez pelo enorme prestígio que tem o seu teatro.

Não se deve esquecer o peso dos realizadores nórdicos na história do cinema. Entre os suecos temos os mestres Victor Sjöström e Ingmar Bergman; Lasse Hallström, Tomas Alfredson e Roy Andersson estão no ativo. Entre os dinamarqueses, Carl Dreyer e o seu discípulo Gabriel Axel (“[A Festa de Babette](#)”); operacionais estão os criadores do movimento Dogma 95, Lars von Trier e Thomas Vinterberg. Susanne Bier, vencedora de um [Óscar em 2011](#), e Lone Scherfig são duas das melhores realizadoras do mundo, com filmes excelentes como “[After the Wedding](#)” e “Uma Outra Educação”. O finlandês Aki Kaurismäki é considerado como um dos grandes realizadores vivos, autor

de extraordinária humanidade, com um cinema muito singular aparentado ao *western* mudo norte-americano e aos filmes de Jacques Tati. O realizador islandês Baltasar Kormákur trabalha no seu país e nos Estados Unidos, onde tem assinado filmes de ação protagonizados por estrelas de Hollywood como Mark Wahlberg.

“[Borgen](#)” é um drama político de três temporadas que segue os passos de uma mulher que, sem o esperar, se converte em primeira-ministra dinamarquesa. Fez a sua estreia em 2010. “Bron/Broen” (A Ponte) é um *thriller* policial de quatro temporadas que começou a ser emitido em 2011. Coprodução entre a Suécia e a Dinamarca, a série conta a investigação de um crime cometido na ponte que une Copenhaga e Malmö. Nos Estados Unidos, compraram os direitos para fazer uma série intitulada “The Bridge”, que transfere a ação para a fronteira entre o México e os Estados Unidos.

O chamado *Nordic Noir* ou *Scandinavian Noir* é um género de séries policiais processuais que obteve muito sucesso local e internacional. É o caso da dinamarquesa “The Killing: Crónica de um Assassinato” (da qual existe uma versão norte-americana, “[The Killing](#)”), estreada em 2007; a islandesa “Trapped” (2015), realizada por Kormákur; a finlandesa “Bordertown” (2016), e a britânica “Marcella” (2016), produzida, escrita e realizada pelo sueco Hans Rosenfeldt, criador da citada “Bron/Broen”.

É impressionante a qualidade dos diálogos de muitas destas séries que ultrapassam os lugares-comuns de produções norte-americanas similares. A estratégia dos criadores nórdicos aponta para uma grande naturalidade, fruto da qualidade de atores acostumados a trabalhar no teatro, devido às reduzidas dimensões da indústria do cinema dos seus países. Juntamente

com um equilíbrio notório na dição, há uma excelente gestão da linguagem corporal, potenciada por uma encenação sóbria, com muito sentido dramático. A qualidade da fotografia e da montagem pode apreciar-se nos interiores e ganha um brilho especial nas sequências de exteriores, pois refletem a beleza de paisagens que muitas vezes produzem desassossego, pelo rigor de uma Natureza onde os erros se pagam caros.

Do ponto de vista temático, é de destacar a capacidade de algumas séries nórdicas para abordar histórias que olham para o passado, como as instalações de água pesada, destinadas a experiências atômicas, que foram construídas na Noruega durante a Segunda Guerra Mundial, sob a direção do físico alemão e prêmio Nobel Werner Heisenberg, que posteriormente conseguiria vir a enganar os nazis de modo a que não fabricassem a bomba nuclear. A sua relação com o seu colega e mentor, o físico dinamarquês Niels Bohr – também vencedor do prêmio Nobel –, e uma célebre entrevista que mantiveram, foram abordadas nos seis episódios de 45 minutos da mini série norueguesa “The Heavy Water War” (“Kampen om tungtvannet”, 2015).

Um dos elementos comuns das séries que comentaremos em seguida é o grande peso dramático das personagens femininas que protagonizam as histórias.

O tema de uma delas é a descoberta de petróleo e gás no Mar do Norte, em frente da localidade de Stavanger (80 000 habitantes), no sudeste da Noruega, um país tradicionalmente muito dependente da pesca. Os norte-americanos estavam muito interessados em explorar o jazigo, mas pensavam que estava esgotado, e então houve algo que mudou tudo. É 24 de dezembro de 1969, e uma cidade cujas principais indústrias são a de conservas e a do transporte marítimo chega ao Natal muito nervosa devido ao empenho da empresa norte-americana Phillips Petroleum em conseguir a concessão para explorar os poços marítimos descobertos.

Realizada por Pål Jackman e Petter Næss, “State of Happiness” (“Lykkeland”) é a história em oito capítulos de 45 minutos da transformação de um país e das suas gentes. O inteligente enredo escolhe três personagens de vinte e poucos anos, duas jovens e um jovem, como condutores da história. Na sua juventude, observarão as decisões tomadas pelos seus pais e familiares, que marcarão o futuro de um país muito tradicional e independente, com uma vigorosa religiosidade nas zonas rurais, com um modelo social onde as classes sociais se relacionam de uma maneira peculiar, franca e direta.

Um esmerado desenho de produção recria os finais dos anos 60 do século XX, com um intenso sabor dominado por um estilo cativante, especialmente no que se refere ao vestuário que recria a época, com um talento muito convincente, em homens e mulheres de diferentes classes sociais, desde a alta burguesia à classe trabalhadora.

Este tema do vestuário é fundamental em qualquer série, sobre um tempo do passado ou contemporâneo. Nas séries históricas, desde os anos 20 do século passado em diante, o esforço

por obter os tecidos e os penteados adequados e *ambientar* a roupa (assim se denomina o trabalho para evitar que as peças de vestuário sejam usadas e não pareçam saídas recentemente de uma oficina de costura) tem o aliciante de existir muito material fotográfico, televisivo e cinematográfico da época e do ambiente. Os atores recebem uma preparação muito precisa sobre a maneira de caminharem, de se sentarem, de dançarem, de se relacionarem.

É algo que torna deslumbrantes séries norte-americanas que abordam o mundo dos negócios e dos conflitos jurídicos, como “*Mad Men*” ou “*The Good Wife*”. Um *spin off* desta última, “*The Good Fight*”, tem um dos vestuários e estilos (penteado, maquiagem, acessórios, joias) mais fascinantes das séries que têm sido emitidas: o vestuário – não o esqueçamos – diz muito sobre a personalidade e o comportamento dos indivíduos e sobre o meio em que se movimentam. São numerosos os espectadores de séries que valorizam estes aspetos, ao ponto de reconhecerem que podem ligar menos ao argumento, mas estarem apaixonados pelo desenho de produção (veja-se o exemplo da muito bem vestida e fotografada “*Peaky Blinders*”, uma produção bastante truculenta sobre um clã de delinquentes em Birmingham no primeiro pós-guerra mundial).

É notável o modo como os produtores de “*State of Happiness*”, série serena e todavia emotiva, sabem controlar a despesa, localizando com sabedoria lugares sugestivos e relevantes. Consegue-se esse equilíbrio característico das grandes séries históricas capazes de conjugar os espaços abertos e os interiores. O contexto económico (político, laboral e social) é ligado ao enredo afetivo de uma maneira admirável: o primeiro tem sempre a primazia, algo não frequente nas séries que tendem a potenciar o segundo, por pensarem que assim obtêm uma maior empatia da parte dos espectadores.

A personagem central, Anna – uma secretária, filha de agricultores com baixos rendimentos, que trabalha para a administração local –, interpretada magistralmente por Anne Regine Ellingsæter, é cativante pelo seu carácter genuinamente norueguês. Os diálogos fluem e interessam, mesmo em situações que à partida poderiam ser áridas ou pouco atrativas, como uma reunião entre autoridades locais e executivos norte-americanos, uma assembleia de trabalhadores ou uma festa familiar de uma família abastada.

As séries desportivas são um género nos Estados Unidos. Treinadores, jogadores, peripécias dentro e fora do campo, competição, contratações, lesões, grupo e indivíduo, liderança. São assuntos percorridos pelo cinema e pelas séries. Mas, em 2018, uma série norueguesa contou algo de novo.

Ane Dahl Torp da série “*Occupied*” (“*Okkupert*”), dá vida a Helena Mikkelsen na série “*Home Ground*” (“*Heimebane*”), que aos 40 anos, é a treinadora da equipa feminina do Rosenborg, clube número um do futebol feminino norueguês. Se ganhar o jogo seguinte, a sua equipa classifica-se para a final da Champions. Nesse momento, aparece a oferta do Varg IL, uma equipa masculina recentemente promovida à primeira divisão, na cidade de Trondheim, a terceira da Noruega, com 184 000

habitantes. Helena aceita e converte-se na primeira mulher a treinar uma equipa europeia masculina da categoria máxima. Transfere-se com a sua filha de 17 anos, Camilla, que estuda culinária e não encara muito bem a mudança de ares.

“Friday Night Lights”, a série norte-americana estreada em 2006 que teve cinco temporadas e 76 episódios, é uma boa série e foi do agrado dos criadores de “Home Ground” (“Heimebane”). Mas é evidente que são histórias muito diferentes. O que torna muito interessante “Home Ground” vai além do facto da protagonista ser uma mulher. A série é muito norueguesa tendo em conta os donos da equipa, o diretor desportivo, os grupos de adeptos, os patrocinadores, os jogadores... Torna-se uma história onde o desporto serve para retratar uma sociedade.

Em “Home Ground”, as personagens correspondem às peculiaridades de um país frio, com pessoas de muito carácter. O enredo apresenta uma treinadora que dá muita importância à análise dos dados e ao realismo do método científico, apoiado em estatísticas para decidir os alinhamentos e as estratégias do jogo. Helena confia na motivação, sim, mas de maneira diferente da de treinadores que trabalham noutros países.

Há um equilíbrio inteligente entre o enredo desportivo e os enredos pessoais mais específicos. Tudo é contado com esse modo tão norueguês de narrar o evidente, o comum, com um nítido sentido dramático, que não tem medo dos cinzentos, do quotidiano, daquilo que não brilha. As personagens não têm um carisma especial nem são particularmente empáticas, mas a história vai-se tornando interessante: a pouco e pouco vai-se desenhando uma boa narrativa, que leva o seu tempo a desenvolver os conflitos. É verdade que demora a atingir as situações de viragem, alongando cada episódio até aos 50 minutos, pois deveriam ser 44: a série foi criada para ser emitida por um canal de TV norueguês aberto e com publicidade. Na segunda temporada, há um enredo específico sentimental algo forçado e quebra-se o equilíbrio obtido na primeira.

Um dos grandes trunfos da série é contar com o futebolista profissional norueguês John Carew (Lorenskog, 1979), um avançado com quase dois metros de altura, conhecido pela *Girafa*, que jogou em equipas como Rosenborg, Valência, Olympique de Lyon e West Ham. Foi 91 vezes internacional pela Noruega. Carew é ele próprio, um jogador veterano que regressa ao seu país, casado e com duas filhas pré-adolescentes, indo terminar a carreira numa equipa modesta que lhe ofereceu a possibilidade de aí ficar como treinador quando deixar de jogar.

São de referir ainda outros dois exemplos da qualidade das séries nórdicas. Ambas são histórias muito imaginativas. “Greyzone” conta a ansiedade de Victoria Rahbek, uma engenheira de telecomunicações dinamarquesa que trabalha num protótipo de um drone de uma empresa sueca com tecnologia muito sofisticada, para vir a ser utilizado em tarefas de aviação civil.

Chantageada por um terrorista islâmico que ameaça matar o seu filho de oito anos, Victoria será obrigada a colaborar com

os terroristas que pretendem fazer um atentado algures na Dinamarca. Os 10 episódios seguem a situação da mulher, que se vê obrigada a conviver com um terrorista, juntamente com as investigações de outra mulher, uma polícia enviada da Suécia para colaborar com as autoridades dinamarquesas. Juntam-na a um detetive muito diferente dela, para investigarem quem introduziu no país um míssil e o que pretendiam fazer com ele.

“Occupied” (“Okkupert”, 2015) inspira-se numa ideia do romanista Jo Nesbo, que é produtor executivo da série mais cara da história do audiovisual norueguês (90 milhões de coroas). Situada na atualidade, conta a ocupação militar da Noruega pelo exército russo.

O assombroso é que os russos atuam assim a pedido da União Europeia, que não está disposta a consentir que as autoridades norueguesas tenham decidido paralizar a extração de petróleo e gás de modo a travar a mudança climática, cumprindo uma promessa eleitoral do partido verde que se encontra no poder. A série tem três temporadas, depois do sucesso obtido na Suécia, Dinamarca, Reino Unido e resto da Europa. Cada capítulo adota o título consecutivo de um mês do ano.

Nas quatro séries são muito belos os locais, tanto urbanos como campestres. Trata-se de países menos conhecidos pelo turismo internacional, e esse é um valor de produção muito apreciável.

A. F.

Disforia de género em menores

O número de menores que recebeu tratamento por disforia de género para inibir a puberdade, teve um aumento muito grande na última década. Mas esse rápido aumento contrasta, [adverte a “The Economist”](#) (30.1.2020), com a incerteza do diagnóstico nessas idades.

Segundo os dados do NHS (National Health Service), 2590 menores receberam tratamento em 2019 no GIDS, o hospital especializado neste tipo de transtornos no Reino Unido. A muitos deles foram prescritos bloqueadores hormonais, uma prática que, apesar do risco que comporta, é frequente para tratar a disforia e que precede o tratamento com testosterona ou estrogénios, assim como a cirurgia.

Os inibidores costumam ser administrados a menores de 9 a 14 anos, de modo a travar o aparecimento das características sexuais e tornar menos complicada, de um ponto de vista médico, a posterior mudança de sexo.

Mas alguns estudos mostraram que os problemas de identidade sexual nessa fase são temporários. Assim, 85 % dos menores em idade pré-puberdade diagnosticados com disforia de gênero que não receberam tratamento, ultrapassam o transtorno graças à terapia psicológica e desenvolvem com normalidade a sua vida adulta como pessoas do seu sexo biológico.

De referir igualmente os numerosos casos de “[destransição de gênero](#)” – o processo pelo qual pessoas que se haviam submetido a tratamento hormonal ou cirúrgico para mudar de sexo se arrependem e decidem regressar à sua condição de nascimento – que mostram a dificuldade de diagnosticar a disforia em idades tão precoces.

A revista semanal britânica recomenda, por estes motivos, aumentar as cautelas quando as crianças apresentam problemas de identidade sexual e dá informações sobre os diversos projetos de lei sujeitos a debate em seis estados norte-americanos, destinados a proibir essa prática quando ainda não foi atingida a maioridade.

Por outro lado, constata que “atualmente, nem as crianças, nem os pais, recebem toda a informação sobre as consequências potencialmente graves do tratamento com os inibidores da puberdade”. Trata-se de fármacos que podem, por exemplo, afetar a longo prazo a densidade óssea e, apesar de muitas das suas [sequelas](#) serem reversíveis, as que resultam da combinação com as hormonas administradas nos processos de reatribuição de sexo, podem não sê-lo: segundo algumas investigações, podem provocar infertilidade.

Em face da ausência de provas científicas que permitam diferenciar os que realmente sofrem de disforia, dos que padecem de crises de identidade passageiras, a “The Economist” convida a levar em conta os dados dos estudos e melhorar a informação recebida pelas famílias. Considera, neste sentido, que é necessário um debate público menos ideologizado e centrado sobretudo no interesse do menor.

“Alquimia”

Autores: Juan Manuel López Zafra e Ricardo A. Queralt Deusto. Barcelona (2019)
256 págs.

Juan Manuel López Zafra e Ricardo Queralt dirigem um muito reconhecido Master em Data Science que é ministrado no Cunef (Madrid). Escrevem com a clara consciência de que estamos num contexto em que os dados “estão na moda”. Mas, e isto é o que os leva a publicar este livro, constatam haver uma

enorme ignorância generalizada sobre o uso atual dos dados e as suas possibilidades futuras.

Conseguiram fazer um texto de divulgação (esse é o seu declarado propósito) sobre um tema tecnicamente muito complexo. Trata-se de uma primeira lição introdutória e breve, destinada a um público não especializado em questões técnicas, mas interessado na mudança social ligada à acumulação e gestão de dados. Explicam cada conceito com inúmeros exemplos recentes. E, sobretudo, insistem em que os dados não são uma moda passageira, mas que a gestão eficiente destes é, desde já, peça chave para qualquer organização que queira sobreviver nos próximos anos.

Para mostrar a importância dos dados, fazem um interessante percurso por diversas disciplinas e tipos de organizações. Certamente, como realçam, nalguns âmbitos, como o das finanças ou o dos seguros, tiveram sempre um papel relevante. Noutros casos, o trabalho com eles é mais recente, mas transformou a atividade em setores como a comunicação política ou o turismo. Sublinham igualmente a evolução que envolveu a gestão dos dados na saúde ou no desporto de competição, entre outros.

Juntamente com as questões técnicas que clarificam, López Zafra e Queralt refletem sobre os desafios éticos, ameaças e vulnerabilidades ligadas ao desenvolvimento do uso e gestão de dados pessoais. “Alquimia” é, portanto, um convite ao mundo emergente do uso computarizado de dados em massa que consegue ser, ao mesmo tempo, acessível, agradável e rigoroso.

J. A. R. S. R.

